



As mãos que não acolhem

Certa vez questionei meus alunos do MEJ sobre qual seria a reação deles se me vissem conversando um bandido, o mais perigoso de todos. A resposta foi unânime, todos me julgariam e chegaram a dizer que não teriam mais contato comigo.

Pois bem, isto posto, fiz uma argumentação da seguinte forma: se acaso vocês tivessem cometido um crime, o pior de todos, e se sentindo mal, precisando de uma palavra amiga ou de um ombro, o que vocês fariam? Procurariam um amigo?

Muitas vezes algumas pessoas preferem julgar a dar o direito de cada um demonstrar o que realmente é. Muitas vezes precisamos de amigos e não os encontramos, pois as pessoas costumam olhar o pecado em vez de amar o pecador.

Jesus veio à Terra para a redenção do homem, para que todo que n'Ele crê tenha vida eterna, e estas pessoas para quem o Cristo veio são os pecadores. Não que as pessoas de vida reta não precisem de Deus. O ponto é que as que ainda não encontraram o caminho precisam descobri-lo para que assim possam amar.

Muitas vezes, nós mesmos, fomos os homens julgadores, as pessoas que em vez de ter um ato de compaixão e entender a problemática do assunto, preferimos a distância e talvez – muitas das vezes – acabamos por caluniar alguém.

Peço a Deus neste momento que perdoe nossos pecados por omissão e calúnia, por todas as vezes em que preferimos ser do mundo do que de Cristo. De certo, o mundo quer dividir o que há de belo em nossas comunidades e paróquias. Mas esta derrota só acontecerá se um dia todos nós nos olharmos como estranhos. Que o Dragão não nos separe de nós mesmos, que assim permaneçamos segundo as vontades do Pai.

Fiquem com Deus,

Catequista Bruno Velasco, MEJ